

Uma interface entre signo linguístico e o romance *O despertar*, de Kate Chopin

Fabiane Verardi Burlamaque*

Deisi Luzia Zanatta**

Resumo

Este estudo tem como norteammento central realizar uma interface entre linguística e literatura, especificamente objetivando analisar e descrever o ponto de ligação entre a teoria do signo linguístico proposto por Ferdinand de Saussure (1916) e o romance *O despertar*, de Kate Chopin (1851-1904). Opta-se por essa abordagem em razão da importância de pesquisas interfaciais, envolvendo estudos linguísticos e literários. De acordo com a base teórica, o romance é entendido, neste artigo, como uma estrutura, bem como o funcionamento da língua proposto pelo mestre genebrino, tendo como contribuições teóricas os pressupostos de Bakhtin (1988a, 1988b) Benveniste (1995), Carvalho (2003), Marcuschi (2002) e Saussure (1996). Os procedimentos metodológicos são de cunho qualitativo, inserindo-se no método indutivo. A pesquisa mostrou que essa ligação é concebida de acordo com o princípio da arbitrariedade em que o romance de Chopin é entendido como uma estrutura que compreende uma representação textual e linguística (significante) e uma finalidade social (significado). A relação com a imutabilidade ocorre quando o romance não pode ser modificado pela sociedade leitora, fazendo com que sua finalidade social permaneça estável. Já a mutabilidade permite que alguns

intelectuais aperfeiçoem o gênero por meio da representação textual e linguística já existente, como também a evolução do romance através do tempo. As características da imutabilidade e mutabilidade também condizem com o discurso de emancipação da protagonista de *O despertar*, pois sua voz muda da anulação à emancipação, fazendo com que seu discurso emancipatório se torne imutável ao final do romance. No que diz respeito à diacronia e sincronia, a relevância ocorre ao estudarmos o romance em questão e sua evolução através do tempo, em razão dos motivos que o relegaram e o fizeram renascer das cinzas, chegando até a contemporaneidade, exercendo fundamental importância para os estudos feministas. Mas também é possível estudá-lo num determinado momento do tempo, ressaltando sua importância somente para dias atuais.

Palavras-chave: Interface. Linguística. Literatura. Signo linguístico. *O despertar*.

* Doutora em Letras e docente do curso de graduação de Letras e do mestrado em Letras da UPF.

** Licenciada em Letras, Português, Inglês e Respektivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen e especialista em Língua e Cultura Inglesa pela mesma instituição. Atualmente é aluna do mestrado em Letras, na linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário pela Universidade de Passo Fundo.

Data de submissão: Set. 2011 - Data de aceite: Nov. 2011

Introdução

O trabalho de Ferdinand de Saussure foi o precursor sobre estudos linguísticos, por definir objeto e metodologia para os estudos da linguagem e por fazer uma ampla abordagem de caráter descritivo sobre os estudos linguísticos de seu tempo. As teorias de Saussure sobre estudos da linguagem foram publicadas em 1916 no livro *Cours de linguistique générale*, escrito por alguns de seus alunos na Universidade de Genebra. Essas teorias abalam os estudiosos da linguagem por não haver ainda um objeto de estudo para a linguística, pois o teórico suíço faz justamente isso, ou seja, estabelece um padrão linguístico para os estudos da linguagem, delimitando como foco de estudo a língua como fator social e principal objeto de estudo da linguagem. Mesmo com o passar dos anos e com todos os avanços tecnológicos que ultrapassam gerações, é inegável a importância de seus pressupostos, pois muitos teóricos e estudiosos voltam ao passado para pesquisar a teoria de Saussure, seja para reafirmá-la, seja para negá-la.

A interface entre linguística e literatura, neste artigo, especificamente com a teoria do signo *linguístico*¹ proposto por Ferdinand de Saussure e o romance *O despertar*,² da escritora norte-americana Kate Chopin, compreende colocar a obra literária numa abrangência mais ampla, exigindo que o pesquisador busque um maior conhecimento de estudo, para que possa ter uma maior completude de sua pesquisa ao valer-se de conhecimentos

específicos tanto da linguística quanto da literatura.

Por apresentar uma diversidade muito ampla de aspectos de composição, como tempo, espaço e personagens bem definidos, o romance abre um leque de possibilidades de análise. Pode ser considerado como templo sagrado, pois seu interior guarda muitos mistérios. Entretanto, na medida em que o leitor vai explorando o romance, torna-se a dádiva do acontecimento da verdade, levando a que se construa várias interpretações. Essa abertura para várias interpretações pode fazer com que o leitor entre no universo textual da tensão, para que tire suas próprias conclusões de sujeito histórico e fragmentário, relacionando a verdade de sua condição com a da obra de Chopin, além de poder interpretar de várias maneiras a palavra escrita. Por esse motivo a proposta aqui enunciada, para ter consistência, precisa do domínio do diálogo entre linguística e literatura. Para que isso ocorra com sucesso, é necessário que o pesquisador apreenda os diversos processos engendrados nesse mundo repleto de significação.

A questão norteadora que permeia este estudo é assim enunciada: a estrutura do romance *O despertar* e o discurso de emancipação da protagonista possibilitaram a relação com alguns aspectos do signo linguístico, permitindo, assim, uma interface entre linguística e literatura?

No que concerne ao objetivo geral, este trabalho teve como norteammento central analisar e descrever os aspectos

do signo linguístico presentes no romance *O despertar*, da escritora norte-americana Kate Chopin.

A metodologia que permeou este estudo se dá por meio de uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, uma vez que visa a uma relação dinâmica e aproximativa entre linguística e literatura, baseada em dados já existentes, seguindo a trilha dos seguintes procedimentos metodológicos: a teoria do mestre suíço e as reflexões acerca do signo linguístico de acordo com o livro *Curso de linguística geral* (1916); sobre a relação necessária entre significante e significado de acordo com Benveniste (1966); as postulações de Carvalho (2003), sobre a relevância da teoria de Saussure no ocidente, a impossibilidade de mudar algo já consagrado. Após, formularam-se algumas questões sobre estudos do gênero, através de Bakhtin (1975) e seus estudos sobre as características da evolução do romance e sua diferenciação em relação aos demais gêneros e de Marcuschi (2002), sobre a imutabilidade dos gêneros textuais. Para finalizar, estabeleceu-se uma interface aproximativa entre o signo linguístico e romance já citado, tendo como linhas de condução a arbitrariedade, os princípios de mutabilidade e imutabilidade, seguindo os pressupostos de Saussure e Bakhtin, sobre a incorporação da linguagem na identidade da protagonista do romance, e da sincronia e diacronia, também de acordo com os pressupostos de Saussure.

Ferdinand de Saussure e sua teoria

Nascido em Genebra no ano de 1857, Ferdinand de Saussure deixa seu legado através de anotações de dois de seus alunos, em cursos ministrados na Universidade de Genebra, Suíça. Charles Bally, Albert Sechehaye e Albert Riedlinger publicam em 1916 o *Curso de linguística geral*.

É impossível negar a importância de Saussure para os estudos linguísticos, uma vez que “as idéias motrizes de sua obra póstuma, por oposição ao método histórico-comparativista dominante até então, vieram revolucionar completamente o pensamento linguístico ocidental” (CARVALHO, 2003, p. 26). Acerca dessa reflexão, percebe-se a importância de Saussure (1916) ao estabelecer um padrão linguístico para os estudos da linguagem, abrindo caminhos para que se estabelecesse uma metodologia de estudos adequada, para que então se delimitasse um objeto de estudo. Com base nisso, o mestre genebrino estabelece algumas dicotomias, sendo a primeira a diferença entre língua (*langue*) e fala (*parole*). A primeira é vista como essencial e social, é um resultado coletivo do consenso das pessoas sobre seus signos, a segunda é vista como secundária e individual, uma vez que cada pessoa escolhe os signos com que vai expressar suas ideias. Porém, mesmo que haja essa distinção, segundo Saussure, uma não pode se conceber sem a outra. Dessa

forma Saussure delimita seu objeto de estudo: a língua como um sistema de signos linguísticos.

Relevante também para os estudos linguísticos é outra dicotomia saussuriana: sincronia e diacronia. A primeira diz respeito ao estudo descritivo e interior da língua, num determinado recorte do tempo, a fim de descobrir como funciona. Já a segunda é a pesquisa histórica da língua, ou seja, como evolui através dos tempos. Muitos estudiosos deram ênfase para os estudos sincrônicos, uma vez que o interesse era estudar a língua em um determinado momento do tempo e não a sua evolução. Além dessa dicotomia, Ferdinand de Saussure estabelece a teoria da natureza do signo linguístico, que, segundo Whitney, é arbitrário, sendo “a língua uma instituição social como todas as outras” (SAUSSURE, 1996, p. 17). No entanto, o genebrino concorda em relação à arbitrariedade do signo, “a língua não é uma instituição social semelhante às outras em todos os pontos” (SAUSSURE, 1996, p. 17).

Saussure constata que o signo linguístico é a união de dois termos indissociáveis: um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Ambos os termos são de natureza psíquica e diferem de coisas ou palavras. O signo, por sua vez, possui duas características essenciais: a arbitrariedade e a linearidade. O conceito de arbitrariedade consiste no fato de que não há uma relação natural na realidade entre significante e significado, ou seja, o significante é

imotivado em relação ao significado, pois depende da vontade de quem age. Um exemplo seria a ideia de *sol*, que, segundo Saussure, não possui nenhuma relação interior com a sequência de sons *s-o-l*, pois poderia ser representada por qualquer outra sequência. De acordo com Castelar de Carvalho (2003, p. 36), “o falante não pode mudar aquilo que o seu grupo linguístico já consagrou”. Assim, verifica-se que a língua é algo herdado de gerações anteriores, o que impossibilita os falantes de transformá-la, ou seja, falamos a palavra *casa* porque numa época anterior alguém disse essa palavra e que perpetuou através dos tempos. Outra característica do signo linguístico é a sua linearidade do significante, que possui caráter auditivo, desenvolvendo-se no tempo. Por essa razão, seus elementos estão dispostos um após o outro numa linha do tempo, formando uma cadeia. É possível perceber isso na escrita, os elementos dispostos formam uma cadeia, alinhando graficamente os signos.

A teoria do signo linguístico também apresenta outro ponto crucial, a questão da imutabilidade e mutabilidade. Se o mestre Saussure define a língua como uma união entre significante e significado, isso pressupõe um contrato entre esses termos, já que “nenhuma sociedade conhece nem conheceu jamais a língua de outro modo que não fosse como um produto herdado de gerações anteriores e que cumpre receber como tal” (SAUSSURE, 1996, p. 86). A teoria saussureana sugere quatro motivos para

que ocorra a imutabilidade do signo: o caráter arbitrário do signo; a multidão de signos necessários para constituir qualquer língua; o caráter demasiado complexo do sistema e a resistência inércia coletiva a toda renovação linguística. Por base, como Saussure (1916) define a língua como um contrato de normas estabelecidas, o falante por si só não tem o poder de modificá-la, isso leva a que a língua permaneça intacta. O tempo também é um fator determinante para a imutabilidade da língua, uma vez que mesmo ligada à coletividade também está situada no tempo, ou seja, dizemos *cão* e *gato* porque alguém antes de nós proferiu essas duas palavras.

Em paradoxo ocorre a mutabilidade do signo linguístico, que permite a continuidade da língua, uma vez que os signos linguísticos vão se alternando no tempo. Mas, se o tempo garante a imutabilidade, como pode também garantir a mutabilidade? A explicação decorre do fato de que para haver mutabilidade sempre deverá haver um deslocamento entre significante e significado, que ocorre no tempo. Dessa forma pode-se perceber que a língua se modifica ou evolui (mutabilidade) sem que os indivíduos possam modificá-la (imutabilidade).

Portanto, pode-se constatar que os estudos de Ferdinand de Saussure abriram diversos caminhos para os estudos da linguística da época por estabelecer um objeto de estudo delimitado, sem contar a importância que sua teoria desempenha nos estudos da linguística

contemporânea e também na literatura. Dessa forma, todos esses aspectos sobre o signo linguístico são possíveis de ser encontrados na literatura, nesse ensaio abordados especificamente no romance *O despertar*, de Kate Chopin.

Romance como gênero

No capítulo “Epos e romance,” do livro *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, Mikhail Bakhtin (1975) apresenta um aparato das características do romance enquanto gênero. Segundo o autor, o romance está constantemente em construção, seu caráter de perpetuação é inacabado, uma vez que sua construção se dá pela vivência do dia a dia. O papel da história também exerce importância nas modificações do romance, já que este vem evoluindo lado a lado, tornando-se flexível e influenciando os novos gêneros a se modificarem, no sentido de que estabelece um novo tipo de relação entre ambos, atuando como paródia. “O romance parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom” (BAKHTIN, 1988b, p. 399).

Os estudos reflexivos de Bakhtin (1975) acerca do romance na diferenciação em relação aos outros gêneros apontam para a renovação do plurilinguismo extraliterário e pelos extratos

romanesco da língua literária, ou seja, o romance reflete mais profundamente a evolução da realidade, e com isso está em contato com o inacabado, pois a realidade nunca se dá por definitiva. Através disso, as três características fundamentais que segundo Bakhtin (1988b, p. 403), diferenciam o romance dos demais gêneros são:

1. A tridimensão estilística do romance ligada à consciência plurilíngue que se realiza nele;
2. A transformação radical das coordenadas temporais de representações literárias no romance;
3. Uma nova área de estruturação da imagem literária no romance, justamente a área de contato máximo com o presente (contemporaneidade) no seu aspecto inacabado.

As características apresentadas apontam que somente o romance pode mesclar diversas vozes, ou seja, o romance é dotado de dialogismo, um texto correlacionando-se com outros textos e também dois interlocutores, num campo comum de interlocução, colocando frente a frente suas linguagens. Assim, o romance enquanto gênero está ligado diretamente com o contexto social da realidade e a interação através do discurso, sendo considerado mutável por seu caráter inacabado e imutável enquanto gênero consagrado.

Essas questões podem ser dialogadas, com o que Marcuschi (2002) afirma sobre os gêneros textuais. Segundo ele, estes estão submersos na história e

possuem ligação direta com a cultura da realidade social, estabelecendo interação comunicativa. Porém, podem se modificar ao longo dos tempos, por estarem ligados diretamente com a realidade social; seu caráter também se concebe como inacabado, sendo alvo das modificações e intenções comunicativas. Assim, segundo Marcuschi (2002, p. 30), “os gêneros textuais não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”.

Dessa forma, é bastante plausível o diálogo entre o gênero romance e o gênero textual, uma vez que aquele pode abarcar diversos gêneros em sua estrutura interna e, por meio de seus elementos, assegurar o caráter mutável e enriquecedor do romance em relação à concretude do gênero como algo consagrado.

Possíveis aspectos do signo linguístico em *O despertar*

O romance realista *O despertar* da escritora norte-americana Kate Chopin se aproxima em alguns aspectos da teoria descrita por Ferdinand de Saussure, uma vez que seu caráter é mais descritivo do que explicativo, como ocorre com o signo linguístico. O romance de Chopin é permeado de dicotomias, ou seja, os elementos que o constituem ramificam diversas lacunas deixadas propositalmente no texto e com isso, a autora se preocupa com descrições dos

ambientes o suficiente para elaborar a construção emocional das personagens. Assim, o leitor é forçado a refletir, fazer elucubrações, concordar ou discordar, preencher esses vazios do texto, mas, especialmente, a pensar criticamente sobre o que lê e sobre suas próprias convicções, devendo prestar muita atenção na ironia, pois, nas obras de Chopin, a capa da moral é colocada inversamente, ou seja, o que parece certo é mostrado como errado. Os postulados de Saussure (1916) sobre a questão do signo linguístico, significante e significado, mutabilidade e imutabilidade, sincronia e diacronia, possuem uma significância destacada, pois podemos relacionar essa teoria tanto no campo da literatura quanto com outros gêneros textuais. Por essa razão, buscaremos por base a teoria do mestre genebrino, analisando a possível aplicabilidade no romance em questão.

No romance de Chopin é visível reconhecer que essa obra está disposta na forma de um sistema e que o enredo descreve um fato, ou seja, possui uma intenção comunicativa. Partindo dessa ideia, é possível defender que o romance compõe-se de um significante e de um significado e que essa relação pode ser arbitrária, bem como o signo linguístico. A obra literária está, então, disposta em duas partes essenciais: o significante, que é representado pela representação textual e *linguística*,³ e o significado, representado pela finalidade social. A representação é a parte física, a qual permite que o leitor identifique o gênero

e, ao mesmo tempo, se familiarize com ele por meio da leitura. Esse processo só ocorre porque o romance literário possui um significado, ou seja, uma finalidade social.

Essa dicotomia é visivelmente encontrada no romance *O despertar*, uma vez que sua representação textual e linguística é bem elaborada, tanto na forma como no conteúdo, e sua finalidade social era fazer com que as mulheres do século XIX se emancipassem das obrigações da família e do lar, constituindo-se como sujeitos de seus próprios discursos. Vale salientar que, se o romance de Chopin possui características do signo linguístico, em certo ponto nele há uma arbitrariedade. Saussure vê a língua e não a fala, afirmando que somente a língua é social. Para explicar, essa relação aparentemente imotivada se dá pelo simples fato de que o romance é concebido por meio da representação textual e linguística, mas a finalidade social não pode definir essa representação, bem como esta não pode definir a finalidade social. Por isso, o significante e o significado do romance são indissociáveis, ou seja, na ausência de uma representação textual e linguística, a finalidade social não se concebe, e o mesmo ocorre aquela na ausência desta, e, com isso, o romance não seria escrito. Se para Saussure a língua é social, e por isso veículo de comunicação, a intenção comunicativa do romance é a que prevalece. Mas seria essa relação realmente arbitrária? O linguista francês Emile Benveniste (1996, p. 55) pos-

tula que “entre significante e significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é necessário”. Benveniste parte da ideia de Saussure, afirma que a língua para ser estudada deve focar a fala, pois ambas estão relacionadas e socialmente imbricadas. Nesse conceito, percebe-se que a representação textual e linguística do romance e sua finalidade social estão intimamente relacionadas, uma vez que para estudar o significante é necessário focar o significado, pois ambos possuem uma relação entre si. Assim, nota-se que a relação entre a representação textual e linguística e a finalidade social do romance pode também exercer uma relação necessária, a fim de chegar até aos olhos do leitor.

Imutabilidade e mutabilidade em *O despertar*

Além de uma interface entre o signo linguístico e *O despertar*, aspectos da imutabilidade e mutabilidade também podem ser identificados no romance. Levando em consideração o pressuposto em que “o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega não é livre: é imposto” (SAUSSURE, 1996, p. 85), pode-se perceber que o romance sofre uma impossibilidade de transformação pela comunidade discursiva. Dotado de uma representação textual e linguística bem elaborada, seria

muito difícil de que qualquer pessoa da comunidade discursiva pudesse transformar o romance. Sua modificação exigiria da comunidade discursiva um pleno domínio das regras gramaticais, textuais e contextuais desse gênero. Essa possível modificação poderia ocorrer se houvesse um grupo de intelectuais que dominassem plenamente a estrutura do texto, agindo sobre a obra, mas não alterando a finalidade social. Talvez, o que muitos intelectuais se preocupam é aperfeiçoar esse gênero, por meio da representação textual e linguística já existente, para que atinja cada vez mais o público leitor. Isso é perceptível no romance *O despertar*, pois, apesar de ter sido relegado ao esquecimento durante cinquenta anos, sua concretude não foi abalada, ou seja, sua finalidade social permaneceu estável. Logo, segundo Saussure (1996, p. 85), “a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” e, por meio disso, o romance também provém de uma época anterior já com seu sistema instituído. Dessa forma, ocorre o caráter imutável do romance.

Em contraposição, pode ocorrer a mutabilidade, um fenômeno que permite a evolução do romance através do tempo. No romance *O despertar*, a finalidade social é formar leitoras a fim de que se emancipem das condições de submissão regidos pelo sistema patriarcal. Mesmo sendo excluído das livrarias durante cinquenta anos, como antes mencionado, o romance ressurge e se impõe, mudando de um estado a outro. Por razões de

publicações, muitos editores modificam a estrutura da obra para que o objetivo da finalidade social seja atingido em demanda. No caso de *O despertar*, escrito no idioma de Kate Chopin, necessita ser traduzido para outros idiomas para que muitas pessoas tenham acesso a ele. Cabe salientar que cada tradutor possui suas maneiras de ler, interpretar e traduzir o livro, por esse motivo muitas traduções não serão literalmente iguais. Alguns tradutores se preocupam em dar mais ênfase ao sentido literal das palavras, outros valorizam mais a sonoridade do idioma original.

A partir dessas considerações, torna-se possível afirmar que o caráter do romance não permanece estável, uma vez que essas modificações levam a que o leitor obtenha as suas marcas individuais. O romance também abre um leque para várias interpretações, e o leitor pode entrar em contato com as diversas maneiras de interpretar o texto fazendo e refazendo leituras atemporais de suma preciosidade da obra chopiniana. Aqui reside o caráter mutável do romance, pois Saussure (1996, p. 91) retrata “o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal”. O romance *O despertar* também se modificou ou evoluiu sua estrutura, sem que sua finalidade social fosse abalada, exercendo primordial importância para os estudos contemporâneos sobre o feminismo. A mutabilidade remete-nos a uma outra característica do gênero romance, o seu caráter *inaca-*

bado.⁴ Assim como a língua, o romance, enquanto gênero, também está em constante desenvolvimento.

Além da estrutura do romance em questão, o enredo também possui suas marcas de imutabilidade e mutabilidade, e isso está diretamente ligado ao discurso de emancipação da protagonista. Edna Pontellier se encontra num estado concreto de submissão como esposa e mãe, de acordo com as normas do sistema patriarcal. Ela, conhece um rapaz chamado Robert Lebrun, nas férias na praia do Golfo em Grand Isle, se apaixona e começa uma trajetória de emancipação feminina, mutando de um estado concreto de objeto para um estado concreto de sujeito.

A seguinte passagem do romance mostra a imutabilidade do ser de Edna Pontellier, ou seja, seu papel de esposa e mãe está enraizado na submissão do sistema patriarcal, quando é repreendida por seu marido, Léonce Pontellier, por sua desatenção com os filhos, tendo que obedecer às ordens do marido.

Ele repreendeu sua esposa por sua desatenção, sua habitual negligência com as crianças. Se não fosse a função de uma mãe tomar conta de crianças, de quem seria afinal? Ele próprio estava ocupado com seu negócio de corretagem. Ele não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo: ganhando a vida para sua família na rua e ficando em casa para garantir que nenhum mal lhes acontecesse. Falava de maneira monótona e insistente. A Sra. Pontellier saltou da cama e foi para o quarto ao lado (CHOPIN, 2002, p. 15).

No decorrer da narrativa, porém, Edna descobre que não pode continuar

sendo moldada pelas máscaras do patriarcalismo por isso sua imutabilidade como objeto dessa hierarquia vai se desfazendo gradativamente. “Em suma, a Sra. Pontellier estava começando a perceber sua posição no universo como um ser humano e a reconhecer suas relações como indivíduo com o mundo dentro de si e ao seu redor” (CHOPIN, 2002, p. 29). O desempenho dos papéis social e natural se chocam com a peregrinação em busca da afirmação do desejo. Com isso, Chopin cria uma personagem feminina que se emancipa das regras do sistema patriarcal e da religião.

A mutação de objeto para sujeito avança no decorrer da narrativa por meio do comportamento da protagonista, que vai se desvinculando das máscaras que moldaram sua vida até o presente momento. Edna comporta-se como se não tivesse obrigações de esposa e mãe, e o momento mais tumultuado para as convenções sociais é quando Léonce viaja para Nova York e ela decide abandonar sua casa, decidindo morar sozinha. Um traço linguístico significativo é o momento em que ela conversa com o amigo e Dr. Mandelet, o qual tenta de todas as maneiras fazer com que perceba que suas atitudes são ilusórias. Ela, porém, não se deixa levar dizendo: “mas eu não quero nada além das coisas do meu próprio jeito”⁵ (CHOPIN, 1998, p. 182).

O discurso de Edna já enuncia a mutabilidade de objeto para sujeito e este só vem a se concretizar no final do romance quando, após assistir ao parto de Adèle,

volta para casa e encontra um bilhete de Robert dizendo: “Eu a amo. Adeus – porque eu a amo” (CHOPIN, 2002, p. 206). Ao ler esse bilhete, Edna se dá conta de que seu discurso é limitado pelo de outrem, ou seja, havia uma imensa distância que se interpunha entre ambos, mas que de certa forma conseguiu construir seu próprio discurso de libertação, pois ela descobre a paixão; aprende a nadar e vai descobrindo cada vez mais a profundidade de seu ser, por meio dos passeios com Robert na praia. O ápice dessa emancipação ocorre quando Edna abraça o mar com todo furor da paixão.

Desse modo, vale salientar que o discurso da protagonista do romance cumpre as miras das investigações bakhtinianas, uma vez que a característica principal de uma personagem é mostrar a “imagem da sua linguagem”. Percebe-se ainda que a presença da dicotomia imutabilidade e mutabilidade proposta por Ferdinand de Saussure (1916) também está presente na estrutura interna do romance, pois, de acordo com a análise da personagem principal, Edna se encontra num estado inicial imutável em relação às regras do patriarcalismo, mas no decorrer de suas ações no romance esse estado evolui, ou seja, muta para um estado de emancipação. Ao final do romance, ao constituir-se como sujeito de seu próprio discurso, o estado dela torna-se imutável novamente, já que ninguém pode modificá-lo.

O despertar e a dicotomia diacronia e sincronia

Além da imutabilidade e mutabilidade, é possível relacionar a dicotomia sincronia e diacronia com o romance *O despertar*. Para o mestre Saussure (1916), diacronia se define pela pesquisa histórica que investiga como a língua evolui e se modifica através do tempo; sincronia é a pesquisa de cunho descritivo, que tem por objetivo estudar a parte interna da língua num determinado recorte do tempo, a fim de descobrir como funciona.

Por ter sido relegado, é possível analisar diacronicamente o romance de Chopin, pela maneira histórica, por meio da qual ele renasceu das cinzas, e como evoluiu através dos tempos, para que chegasse até a contemporaneidade, exercendo fundamental importância para os estudos feministas.

A possibilidade de ser alvo de estudos diacrônicos, o romance *O despertar* pode ser estudado sincronicamente, ou seja, pode estudar-se descritivamente sua estrutura interna, num determinado momento do tempo, buscando compreender como essa estrutura funciona. É o caso de sua importância para os estudos feministas na era contemporânea, em que se estuda de que maneira o romance em questão é válido para a emancipação feminina. Cabe ressaltar que, por ser um romance escrito durante o reinado da rainha Vitória,⁶ o Código Napoleônico era a base legal que regia os contratos

matrimoniais. É sempre muito importante, ao estudar na contemporaneidade esse romance, que se faça uma retomada diacrônica, uma vez que é possível comparar a época em que o romance foi escrito com a que ele está sendo estudado. Assim, a dicotomia diacronia e sincronia também estão presentes no romance de Chopin.

Considerações finais

A interface entre os estudos de Ferdinand de Saussure e *O despertar* é bastante significativa, uma vez que é impossível negar a importância dos estudos da linguagem propostos pelo mestre genebrino e os aspectos pertinentes dessa teoria, que podem ser encontrados no romance. No percurso desse ensaio procurei mostrar os possíveis aspectos entre o signo linguístico e o romance, pois ambos apresentam semelhantes características em alguns aspectos. Com isso, alguns pontos em comum foram abordados, sendo o primeiro a questão do signo linguístico, em seguida os princípios da imutabilidade e mutabilidade e por fim, a dicotomia diacronia e sincronia.

A análise e a descrição do signo linguístico e suas características encontradas no romance *O despertar* permitiram apreender que há um ponto de ligação entre linguística e literatura. Nessa condição entende-se que, mesmo sendo fenômenos distintos, o romance, especificamente, compreende uma estrutura de composição, bem como o discurso emancipatório de sua protagonista.

O estudo permitiu verificar que, como o signo, o romance *O despertar* também possui um significante e um significado, porém ambos estão caracterizados por uma representação textual e linguística e por uma finalidade social, uma vez que o romance se constitui como tal por essas duas características. Essa relação significante e significado pode ser arbitrária, porém é o enfoque sobre o significado que vai garantir a intenção comunicativa do romance e a sua constituição. No entanto, a relação pode também ser necessária, o enfoque se dará na relação entre significante e significado, uma vez que estão imbricados socialmente.

As possíveis relações entre imutabilidade e mutabilidade e o romance também foram abordadas. A primeira permite salientar a consagração do romance, ou seja, a impossibilidade de a comunidade discursiva modificar sua representação textual e linguística, bem como sua finalidade social, uma vez que sua origem provém de uma época precedente e carrega consigo todas as marcas linguísticas e discursivas dessa época. Em paradoxo, a mutabilidade também está presente no romance, permitindo perceber que o romance não é fixo, ou seja, suas modificações ocorrem de acordo com as necessidades sociais e culturais ao longo do tempo, pois os indivíduos interagem e, muitas vezes, se identificam com o romance, podendo interpretá-lo de diversas maneiras. Vale salientar que o discurso de emancipação da protagonista Edna Pontellier também

possui as marcas da imutabilidade e mutabilidade, uma vez que sua voz migra da condição relegada à emancipada, tornando essa enrigecida ao final do romance.

Os aspectos da dicotomia diacronia e sincronia também estão presentes no romance. A diacronia permite a pesquisa histórica do romance, com o cunho investigativo de descobrir como o romance evolui através do tempo, já que foi relegado ao público por cinquenta anos. A sincronia permite estudar como o romance funciona num determinado momento do tempo, levando em consideração sua importância na contemporaneidade para os estudos feministas. Essas questões constituíram importantes referências para o desenvolvimento do objetivo geral deste artigo, que pretendeu analisar e descrever os aspectos do signo linguístico no romance *O despertar*, de Kate Chopin.

Portanto, todos os princípios baseados na teoria saussureana, analisados no romance *O despertar* de Kate Chopin, mesmo sendo fenômenos distintos, permitem uma interface entre linguística e literatura, levando a que todos os indivíduos, usuários da língua e leitores de literatura penetrem no universo diegético da tensão estabelecido pelo romance e por meio da teoria sobre estudos da linguagem proposta por Ferdinand de Saussure, possam notar que uma não se concebe sem a outra. Ao fazer essa interface, pretende-se a partir disso estabelecer uma importante contribuição para novas pesquisas nessa área, abordando assuntos que se inter-relacionam, possi-

bilitando novas considerações repensadas sob ângulos diferentes, promovendo continuamente estudos que relacionem linguística e literatura.

An interface between linguistic sign and The awakening, a novel by Kate Chopin

Abstract

This study is aimed at establishing an interface between linguistics and literature, by analyzing and describing the intersection between the theory of linguistic sign proposed by Ferdinand de Saussure (1916) and *The Awakening*, a novel by Kate Chopin (1851- 1904). Such an approach was chosen due to the relevance of interfacial research involving both linguistic and literary studies. According to the theoretical framework, the novel is conceived, in this paper, as a structure, as well as the functioning of language, proposed by the Genevese master, drawing on theoretical contributions by Bakhtin (1988a, 1988b) Benveniste (1995), Carvalho (2003), Marcuschi (2002) and Saussure (1996). The methodological procedures are qualitative, following the inductive method. The research has shown that such a link is conceived according to the principle of arbitrariness in which Chopin's novel is understood as a structure that comprehends a textual and linguistic representation (signifier) and a social aim (signified). The relation with immutability happens when the novel cannot be modified by a community of readers, thus making its social aim remain stable. Mutability, in turn, allows some intellectuals to

improve the genre through the existing linguistic and textual representation, as well as the evolution of the novel across time. The characteristics of immutability and mutability are also in agreement with the protagonist's emancipation discourse on *The Awakening*, as her voice changes from nullity to emancipation, making her emancipatory discourse remain unchanged by the end of the novel. Concerning diachrony and synchrony, relevance can be noticed when one studies the novel and its evolution through time, deriving from reasons that have caused it to be neglected it and made it rise back from ashes and reach modern days, being of fundamental importance for feminist studies. However, it is also possible to study it on a given moment in time, highlighting its importance only for today.

Key words: Interface. Linguistics. Literature. Linguistic sign. *The awakening*.

Notas

- ¹ Teoria descrita pelo mestre suíço Ferdinand de Saussure no livro *Curso de linguística geral*. O legado saussuriano descreve o signo linguístico como uma união de um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Tanto conceitos como imagens sonoras são entidades mentais. A imagem acústica não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, possíveis de percepção, quando pensamos em alguma palavra, mas não a pronunciamos. Ao pensarmos na linguagem verbal, sendo a língua um sistema, os signos linguísticos são, então, os responsáveis pela representação das ideias, fazendo com que, por meio da fala ou da escrita, possamos associá-las.
- ² Publicado em 1899, *O despertar* surpreende a crítica e a sociedade da época por explorar explicitamente a temática de emancipação feminina, por meio dos elementos que celebram a individualidade sexual da mulher, estabelecendo um elo de tensões sobre o casamento, o papel desempenhado por ela enquanto esposa e mãe, questionando e explorando a percepção dos desejos

eróticos, sendo por isso recebido com muita hostilidade, uma vez que o romance afronta todas as normas estabelecidas pela sociedade. Porém, em meados de 1950, com o advento de novas correntes interpretativas no âmbito da literatura, a obra da escritora norte-americana Kate Chopin (1851-1904) renasce das cinzas, após haver sido relegada ao olvido público por mais de cinquenta anos, pela forma aberta de apresentar a emancipação feminina, mas que desde então vem desempenhando uma importância significativa nos estudos feministas contemporâneos.

- ³ Termo sugerido pelo professor Phd. Ernani Cesar de Freitas.
- ⁴ Em *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, especificamente no capítulo “Epos e romance”, Mikhail Bakhtin enfatiza que uma das características e diferença entre o romance e os demais gêneros é que este “introduz uma problemática, um inacabamento semântico específico e o contato vivo com o inacabado, com sua época que está se fazendo (o presente ainda não acabado)” (BAKHTIN, 1988, p. 400).
- ⁵ “Mas não quero nada além do meu próprio caminho” (p. 146, tradução nossa).
- ⁶ A “era vitoriana” foi o período governado pela rainha Vitória e seu esposo e primo príncipe Albert, que durou de junho de 1837 a janeiro de 1901. Esse período entra para a história em razão do marco industrial, da expansão econômica e do desenvolvimento urbano da Inglaterra. Já a segunda metade do reinado vitoriano corresponde com a primeira parte da Belle Époque, ocorrida na Europa continental. A denominação “era vitoriana” também foi denominada por ser um período rígido, calçado na rigidez dos costumes, associando assim, o nome do período ao conservadorismo do regime político. Disponível em: http://super.abril.com.br/superarquivo/2006/conteudo_428946.shtml; http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_vitoriana.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988a.
- _____. (1975). Epos e romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. de Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1988b. p. 397-428.
- BENVENISTE, Émile. (1966). Natureza do signo lingüístico. *Problemas de lingüística geral I: a comunicação*. Campinas: Pontes, 1995. p. 53-59.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHOPIN, Kate. *O despertar*. Trad. de Carmen Lúcia Foltran. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. *The Awakening*. Intr. by Deborah L. Williams. Toronto: Washington Square Press, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) *Curso de lingüística geral*. Objeto da lingüística. São Paulo: Cultrix, 1996.